# O Amanhã de Nossos Filhos

## *Origem e objetivos*

"O Amanhã de Nossos Filhos" é uma sociedade cívica, fundada em 1989 por pais e mães de família preocupados com os desmandos na TV. Composta de quatro diretores, tem como presidente Da. Laurice M. Haddad, digna mãe de família paulista.

A entidade visa fazer com que se conheçam e se articulem num mesmo esforço, todos os descontentes com tantos programas televisivos. E dessa maneira constituir forte corrente de opinião, capaz de sensibilizar os donos de TVs no sentido de que melhorem o nível moral e cultural de seus programas.

A contabilidade da associação é auditada pela KPMG - Peat Marwick Dreyfuss, uma das mais conceituadas firmas de auditoria do País.

A entidade não tem fins lucrativos. A totalidade dos fundos arrecadados destina-se exclusivamente à consecução de seus fins estatutários.

## *Apoios*

A associação vem recebendo adesões de numerosas personalidades civis e eclesiásticas, dentre as quais 81 Arcebispos e Bispos e mais de 1000 sacerdotes, religiosos e religiosas. Destaca-se ainda **carta de apoio do Vaticano**, assinada pelo Cardeal Edouard Gagnon, presidente do Pontifício Conselho para a Família.

## *Principais campanhas*

**24.223 adesões ativas**, em resposta ao envio maciço por correio de 1.036.000 cartas.

**50 mil Petições** ao Ministério da Justiça, que foram decisivas para a promulgação da Portaria 773, das "medidas classificatórias" dos programas de TV.

**Abaixo-assinado a João Paulo II** (102 mil assinaturas) pedindo ao Papa que condenasse os abusos na TV, por ocasião de sua visita ao Brasil.

**35 mil Apelos** ao SBT, que pesaram decisivamente para o cancelamento do programa "Cocktail".

**Saraivada de telefonemas**, que levou a Souza Cruz a retirar o patrocínio do filme blasfemo "A última tentação de Cristo".

**Nova carga de telefonemas**, que impediu a projeção do filme pornográfico "Calígula" no dia de Corpus Christi.

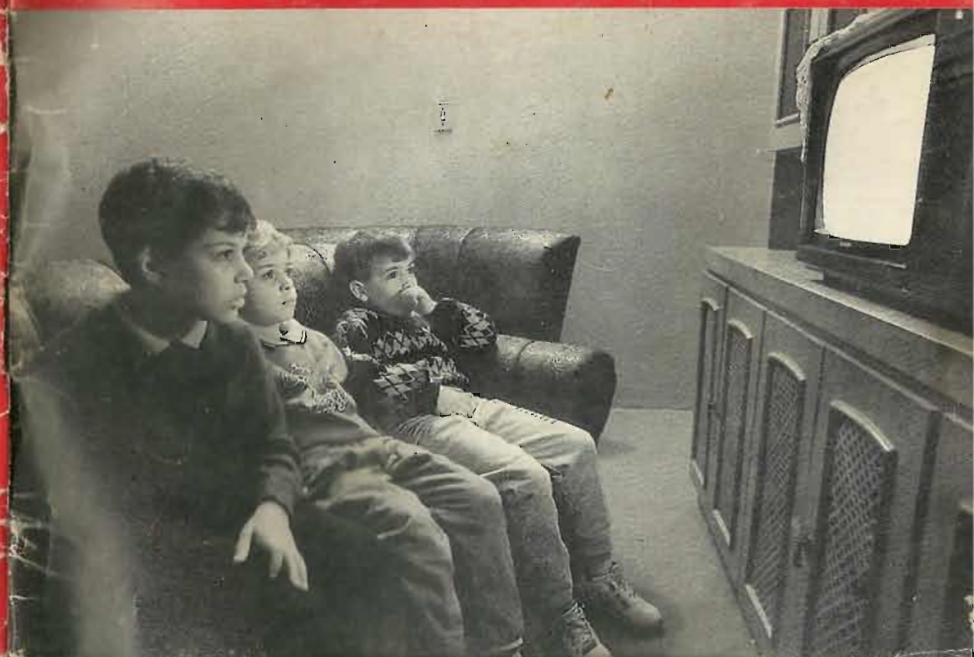
**O Amanhã de Nossos Filhos**

R. Maranhão, 620-sala 13 – 01240–000 São Paulo - SP
CGC: 59.954.651/0001-63 Fone: (011) 66-9187

O Amanhã de Nossos Filhos
Comissão de Estudos

# *TV uma "escola", mas de quê?*

## *Os efeitos da TV no aproveitamento escolar*



*Responsabilidade editorial*

Comissão de Estudos de
*O Amanhã de Nossos Filhos*
Rua Maranhão, 620 sala 13
01240-000 São Paulo - SP
Tel: (011) 66-9187

*Estudos e pesquisas*

Abel de Oliveira Campos
Arnóbio José Glavan
Gregório Vivanco Lopes
Laurice Massade Haddad
Paulo Henrique Chaves
Zeni Luiggia Cracco

*Diagramação e impressão*

Artpress Ind. Gráf. e Editora Ltda.
R. Javaés, 681/689 - SP
Tel: 220-4522

distribuição gratuita – venda proibida

Copyright © *by O Amanhã de Nossos Filhos*

Coleção Tudo sobre a TV
Fascículo I — 1993



# *Prefácio do Prof. Samuel Pfromm Netto*

Psicólogo e Professor de Psicologia da PUCCAMP
e da USP, Presidente da Academia Paulista de Educação

Há dois modos fundamentais de argumentar contra a influência deletéria de certos programas de televisão. O primeiro apóia-se no bom senso, no raciocínio lógico e no primado universal de princípios éticos, inscritos nos grandes códigos morais da humanidade, para se opor à exposição das pessoas (notadamente das crianças e dos adolescentes) a mensagens de brutalidade, torpeza, cinismo ou obscenidade, exibidas de maneira crua ou disfarçadas sob os pretextos de que se trata de "realismo", "arte", "divertimento" ou "crítica social". Esta maneira de argumentar é muito antiga. Deita raízes em texto de pensadores e educadores como Platão, Aristóteles e muitos outros, que, desde os tempos pré-cristãos, alertavam as pessoas para a necessidade de impedir que os menores assistissem a espetáculos violentos e licenciosos. Muito antes, portanto, do advento do cinema e da televisão, reconhecia-se a necessidade aqui referida, de evitar os "venenos do espírito", que, da mesma forma que os venenos do corpo, podem comprometer o desenvolvimento sadio do ser humano e o seu equilíbrio mental.

A segunda maneira de argumentar busca pontos de apoio nos resultados das pesquisas científicas. Lamentavelmente, os resultados dessas investigações nunca tiveram entre nós a divulgação que merecem. Como, na maioria dos casos, se trata de pesquisas realizadas no exterior, é necessário recorrer a livros, revistas e anais de congressos e reuniões redigidos em idiomas estrangeiros - uma bibliografia que, diga-se de passagem, é hoje vastíssima, abrangendo desde pesquisas pioneiras, realizadas nas primeiras décadas deste século, sobre os filmes cinematográficos e seus efeitos em crianças e adolescentes, até à literatura dos anos 90, mais centrada na televisão e no vídeo.

Apesar da omissão mais ou menos generalizada da mídia quanto à divulgação dos resultados e das conclusões das pesquisas sobre efeitos da televisão, não têm faltado esforços isolados, ainda que modestos, no sentido de fornecer aos pais e educadores brasileiros indicações úteis, baseadas em pesquisas de psicólogos, médicos, pesquisadores educacionais, sociólogos e outros, para proteger a sociedade dos efeitos negativos da programação de televisão. Sirvam de exemplos nesse sentido os textos do I Simpósio Nacional sobre Televisão e Criança, realizado em 1977 no Instituto de Psicologia da USP e divulgados em 1978 pela revista *Cadernos de Comunicação Proal*; o livro *Criminologia da Comunicação*, de R. G. Portão (Traço Ed., SP, 1980); a publicação *Televisão, Violência e Critérios Censórios*, editada em 1985 pelo Min. da Justiça (Dpto. de Polícia Federal, Divisão de Censura de Diversões

Públicas, Brasília); e várias teses de Mestrado e Doutorado versando sobre criança e televisão, defendidas recentemente em universidades do país, entre as quais a USP (Instituto de Psicologia).

Nos últimos anos, a literatura científica sobre televisão e criança tornou-se muito mais refinada, complexa e profunda. Ao mesmo tempo, as provas colhidas em laboratório, em pesquisas de campo, em delineamentos quase-experimentais e por meio de outras técnicas de investigação passaram a fornecer um quadro de constatações mais consistentes, abrangentes e preocupantes sobre a influência da televisão nos menores, notadamente no que respeita à violência, à degradação sexual e à mistura de ambas, na fórmula conhecida como pornoviolência, que, disfarçada ou escancaradamente, vem penetrando de modo crescente na programação das emissoras brasileiras, inclusive no chamado "horário familiar". O agravamento desse estado de coisas é bastante claro, quando se compara, p. ex., o conteúdo das três edições (revistas e ampliadas, a segunda e a terceira) de uma obra fundamental, a do psicólogo Robert Liebert e colaboradores: *The Early Window* (1ª ed., 1975; 2ª ed., 1982; 3ª ed., 1988, Pergamon, New York). Massas impressionantes de dados sobre efeitos negativos da televisão têm sido coligidas em livros recentes, como o trabalho da equipe de pesquisadores canadenses liderados por T. M. Williams, *The Impact of Television*. Até mesmo algumas vozes mais condescendentes no passado, como as de George Comstock ou Michael J. A. Howe, mudaram de tom em seus escritos mais recentes, em virtude da acumulação de resultados negativos sobre o binômio criança-televisão.

* * *

A publicação que o leitor tem em mãos vale-se das duas linhas de argumentação mencionadas acima para, em linguagem simples e direta, alertar as famílias e os professores sobre o "currículo oculto" desse autêntica *escola paralela* que é a televisão. Mesclam-se aqui resultados de numerosas pesquisas, depoimentos, bom senso e advertências de numerosos estudiosos a respeito desta nova e insidiosa forma de poluição mental. Se a chancela dos anunciantes (afinal de contas, os verdadeiros responsáveis por tudo quanto é apresentado pela televisão, pois pagam cada minuto da programação com seus comerciais) continuar presente em boa parte do que há de pior nas emissões diárias das tevês, e se as próprias emissoras de televisão continuarem, de modo geral, cegas, surdas e mudas aos reclamos de maior senso de responsabilidade social, no melhor interesse da sociedade, será o caso de embutir intermitentemente na programação um aviso similar ao que se encontra nos maços de cigarros: "o Ministério da Saúde adverte: esta programação é prejudicial à sua saúde mental".

São Paulo, julho de 1993



# *Aos pais e professores*

Seus filhos ou seus alunos são dos que assistem quatro, cinco ou até seis horas de TV por dia?

Cuidado!

Psicólogos, médicos, estudiosos, especialistas afirmam: a TV atual tende a formar homens padronizados, sem profundidade mental, sem personalidade definida, sem princípios, sem convicções, sem fibra.

Uns robôs, incapazes de resolver ou enfrentar os problemas da vida, por estarem postos num mundo irreal e de fantasia por estímulo de inúmeros programas de TV.

Previna-os contra isto! Foi para o ajudar a orientá-los que publicamos esta monografia.

*O Amanhã de Nossos Filhos*

A televisão — tal como existe hoje — exerce uma ação formadora ou deformadora junto aos escolares?

É esta uma pergunta polêmica, que tem sido objeto de numerosos artigos, debates, simpósios e entrevistas.

Mas pouca divulgação se fez entre nós das conclusões a que chegaram a esse respeito psicólogos, cientistas, médicos, professores e pedagogos, especialistas nessa matéria.

Esta lacuna, pretende contribuir para preenchê-la *O Amanhã de Nossos Filhos*, com a publicação do presente fascículo.

Temos certeza de que as revelações aqui contidas poderão ser úteis a pais e mestres. Mas também aos alunos que, envolvidos pelo fascínio da televisão, podem não perceber "certas coisas" que se passam dentro de si mesmos. E muitas vezes nem eles, nem seus pais, nem seus professores sabem explicar o porquê delas.

## *TV: uma "escola", mas de quê?*

No jogo de influências entre televisão e escola, televisão e família, a TV quase sempre tem levado a melhor.

A todo momento *O Amanhã de Nossos Filhos* recebe cartas ou telefonemas de pais e professores queixando-se do papel avassalador da televisão na formação dos jovens.

O quadro se agrava se considerarmos que estudos científicos indicam um aumento progressivo das horas passadas diante da televisão por parte das crianças brasileiras.

Em recente pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo (USP), orientada pelo Prof. Samuel Pfromm Netto — autoridade indiscutível na matéria, professor de pós-graduação em Psicologia na Universidade de São Paulo (USP) e presidente da Academia Paulista de Educação — os resultados indicam que a criança brasileira assiste atualmente, em média, a 5:30 horas de TV por dia.

Pfromm Netto afirmou também que *"as crianças brasileiras estão vendo, em média, mais televisão do que as de outros países"*, o que o leva a qualificar a TV como uma *"segunda escola, a 'escola paralela' de que fala Friedmann"*. Com a agravante de



que *"uma grande porcentagem de brasileiros, com menos de 12 anos de idade, passa mais tempo diariamente diante da 'escola' da televisão do que da sala de aula"* (17).

E acrescentou: *"As crianças tendem mais a pautar seu comportamento pelo que vêem em vídeos e programas de televisão, do que a seguir instruções verbais de uma pessoa real e fisicamente presente"* (18).

Ele considera que a televisão comercial *"converteu-se numa espécie de escola de contra-cultura, no pior sentido deste último termo"*, ou seja, *"uma escola de superficialidade, cinismo, deboche, brutalidade, resolução violenta dos conflitos, desrespeito, exacerbação hedonista, excitação sexual precoce e desenfreada, mau gosto, mediocridade e erosão dos valores morais"* (18).

## *TV e sua influência no universo infantil*

Quando uma criança da era da televisão se senta nos bancos de uma escola, que bagagem de problemas ela traz consigo, gerados por horas a fio passadas diante do vídeo?

Essa pergunta é mais do que nunca imperiosa para um professor cônscio de seus deveres.

As técnicas de comunicação de massa põem em movimento zonas profundas da mentalidade da criança e do adolescente.

Segundo o Prof. Pfromm Netto, causa justificada preocupação o *"estilo de vida e os valores que acabaram sendo incutidos na mente das crianças e jovens, em decorrência da exposição ao chamado 'currículo oculto' da televisão comercial"* (18).

Sem o conhecimento, pelo menos sumário, do que se passa no pequeno universo de seus alunos expostos à TV, será impossível aos professores — e também aos pais — evitar desajustes na psique do futuro adulto. Como também em sua conduta moral, no seu relacionamento com outros adultos, com a família, com a sociedade. Desajustes ainda em sua posição face às regras de civilidade e em sua concepção do homem, do mundo e da vida.

Mas, para uma judiciosa análise dos efeitos perniciosos da televisão sobre a mente infantil, faz-se necessário apresentar algumas noções sobre o reto processo de desenvolvimento psíquico de uma criança, desde seu nascimento até sua entrada na escola.

## *Ritmo natural do desenvolvimento de uma criança*

A ordem da natureza tem suas leis e seus ritmos. Não pode ser violentada impunemente.

Sobretudo na criança (mas também no adulto), há uma velocidade, adequada a cada indivíduo, que impõe limites à capacidade de absorção de sensações, imagens e informações, matéria-prima de todo o pensamento humano.

Esse ritmo orgânico de apreensão, compreensão e assimilação, embora variável conforme a pessoa, é necessariamente lento e compassado, uma vez que o conhecimento humano se faz por etapas. E um dos segredos da boa pedagogia está precisamente em adequar a tais ritmos o que é ensinado.

A criança não nasce raciocinando. Ela primeiro toma contato com o chocalho, as grades do berço, a bola. Observa o pai, a mãe, os irmãos. Como que "sente" e "apalpa" o ambiente doméstico.

Só mais tarde, com o uso da razão, ela irá adquirir a noção genérica e abstrata de bola, pai, mãe, casa etc. E a formular em palavras a idéia que concebeu de cada coisa.

## *A força das primeiras impressões*

A impressão visual — junto com as outras impressões sensoriais provenientes da audição, olfato, gosto, tato — propicia-lhe assim a matéria-prima para a operação da inteligência e a formação de uma noção abstrata e universal das coisas, das pessoas, dos ambientes.

Considerando a força dessas primeiras impressões, o conhecido psicólogo e clínico brasileiro, Dr. Bernardino Mendonça Carleial, enuncia um princípio da Medicina de enorme alcance para a formação da infância:



*"As primeiras experiências sensoriais na infância são tão importantes e marcantes, que tais impressões são as últimas a sobreviverem, quando o cérebro se desorganiza diante da senilidade, apoplexia, traumatismos físicos e mentais e outros acontecimentos psicofísicos. São também as primeiras a voltarem à recordação, após período de amnésia. Comprova-se assim quão fortes e persistentes são as imagens e impressões vivenciadas e presenciadas na infância"* (2).

## *A pedagogia sempre respeitou os ritmos normais da mente infantil*

O método clássico da pedagogia — quer familiar, quer escolar — pautou-se em geral no respeito a esse princípio.

Tal método procurava graduar as informações, estímulos, ensinamentos, ao nível de compreensão da criança, dando tempo a que esta pudesse hierarquizá-los internamente, pô-los em ordem e encaixá-los no pequeno universo dos conhecimentos já adquiridos.

Assim, o professor ou pai propiciava à criança a maturação gradativa de sua inteligência, favorecendo o surgimento daquele precioso e fecundo *depósito de questões não resolvidas*, as quais são as melhores esporas do pensamento e um dos mais valiosos tesouros do espírito humano.

Com muita razão observa a psicóloga e pesquisadora francesa Mireille Chalvon, em artigo para a revista "Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence", que *"a formulação de uma pergunta é fruto de uma maturação ainda mais útil do que conhecer uma resposta"* (6).

## O desenvolvimento natural do aluno facilita a tarefa do professor

A partir desse *depósito* é que a criança bem constituída irá procurar respostas e soluções para os problemas da vida: sempre dentro do normal e compassado funcionamento de sua inteligência, em harmonia com o desenvolvimento de sua vontade e o equilíbrio de sua sensibilidade infantil.

Isso é um dos importantes fatores que lhe desperta o interesse, a vivacidade, a vontade de aprender, molas propulsoras do pleno aproveitamento escolar.

E assim será fácil ao professor oferecer a seus alunos amplas visões de conjunto, sólidos sistemas de pensamento, certezas e princípios morais inabaláveis.

Em uma palavra, formar homens de princípios e personalidade definida, capazes de desenvolver suas aptidões e desempenhar uma tarefa útil à sociedade.

É desse processo que brota a verdadeira cultura de um indivíduo, de um grupo, de uma região, de um país ou de uma civilização.

## Os ritmos da TV e a demolição da psique infantil em curso

Ora, é justamente nesse reto processo de formação que a televisão intervém, prejudicando-o, violentando-o, queimando nele etapas, quebrando-o, apresentando problemas para os quais nem psíquica nem fisicamente as crianças estão preparadas.

Horas seguidas elas ficam expostas a torrentes de imagens, que se sucedem em ritmo alucinante, e a informações fragmentárias desconexas.

Absorvem, além do mais, propagandas e anúncios que as solicitam simultaneamente para os mais diversos apetites e inclinações.



Sofrem ainda a contínua descarga de efeitos visuais e auditivos não assimiláveis por elas.

Após horas desse bombardeio televisivo, ficam impregnadas de clichês ideológicos, os quais nem sequer os adultos conseguem devidamente analisar.

## Supervelocidade da TV

A Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) realizou recentemente, através do seu Núcleo de Estudos Psicológicos, um amplo estudo sobre televisão e criança. Desse trabalho resultou um relatório técnico no qual se salienta o efeito, até mesmo junto ao adulto, da supervelocidade com que as imagens se sucedem no vídeo:

*"A velocidade com que as mensagens são transmitidas e até justapostas, excede normalmente o ritmo necessário à percepção consciente. Daí que a mente do telespectador tende a armazenar as informações valendo-se de catalogação rápida em categorias já preexistentes, uma vez que não há tempo para examiná-las criticamente, perceber os traços de novidade, hierarquizá-las pela relevância, coerência ou outros critérios. ....*

*"Também existe o fato, percebido até por leigos, de que a velocidade de apreensão cognitiva de uma mensagem varia de acordo com o telespectador. Na TV isso não é respeitado, como o é na leitura, onde o leitor é quem define seu ritmo de apreensão, dando espaço para uma leitura crítica quando isto se faz necessário* (9).

## A supervelocidade não deixa tempo para refletir

A mesma preocupação está presente no estudo da já citada psicóloga francesa Mireille Chalvon:

*"Pela rapidez e pelo fato de as imagens se sucederem umas às outras, a TV é um mau instrumento de aprendizagem. Ela não deixa à pessoa tempo para refletir, para deter-se um pouco mais*

*demoradamente nos assuntos, como se faz com as frases de um livro.....*

*"A televisão dirige-se a todos ao mesmo tempo, não podendo atender ao nível de cada um, o que é necessário a toda aprendizagem. A criança aprenderá coisas novas sem localizar onde tais coisas se passam, sem conhecer o contexto geográfico, histórico ou político de um acontecimento. A resposta virá sem que a criança tenha tido tempo de pôr as perguntas"* (6).

## *A supervelocidade lesa a mente da criança*

Analisando o impacto dessa sucessão desordenada de imagens na mente infantil, diz o já referido relatório da *Unicamp*:

*"Considerando o telespectador infantil, podemos dizer que a criança, exposta a uma grande quantidade de informações velozmente transmitidas, está sendo lesada em suas oportunidades de desenvolver-se do ponto de vista cognitivo, e tenderá a atrofiar sua capacidade de abertura da percepção, ou, usando a mesma terminologia de Schanchtel (1959), terá dificuldades de desenvolver uma percepção alocêntrica do mundo, adulta, criativa. Por isso os estudiosos dizem que a TV infantiliza e limita a consciência dos telespectadores assíduos"* (9).

## *TV e destruição do senso crítico*

O mesmo estudo insiste no fato de que a TV expõe seus pacientes à saturação de clichês pré-fabricados que se repetem.

*"A repetição é uma ilusão de conhecimento porque, à força de limitar a experiência, fecha a percepção do mundo e a reduz a clichês; e, ainda, confina o indivíduo ao prazer infantil do jogo: segurança do sempre-o-mesmo, das regras fixas. Acaba 'ensinando' a criança a não ousar. Não responde à sua curiosidade nem a desenvolve. O mundo passa a ser visto como algo que não oferece nenhum desafio ou interesse"* (9).



Esses clichês, apresentados em ritmos incompatíveis com o espírito humano, tolhem na criança o processo seletivo natural que acima descrevemos, atrofiando o senso crítico e solapando as bases da verdadeira cultura.

## *TV, uma escola de imbecilização e de "analfabetismo funcional"*

O Prof. Salomão A. Chaib, médico e estudioso de problemas psicológicos, em entrevista concedida ao "Informativo TV Plebiscito", não vacila em apontar as conseqüências da assistência passiva aos programas de TV:

*"Assistindo passivamente à sucessão de imagens e emoções que lhe são inculcadas, o indivíduo sofre um bloqueio mental, cessa de pensar, de criar, de ter iniciativa, fica embrutecido intelectualmente, pois é levado, de modo inevitável, a afastar-se de todas as outras grandes obras da inteligência, do raciocínio, da arte e da cultura"* (5).

Daí o fato de especialistas de renome referirem-se à televisão como "massificadora", produtora de "imbecilização", de "subcultura". Ou, como a qualificou o biólogo André Lwoff, Prêmio Nobel de Medicina, *"o principal fator de retardamento intelectual e afetivo"* do mundo contemporâneo (14).

Daí também ter sido ela acusada de promover o *analfabetismo funcional* (ou seja, aquele tipo de "analfabetismo" de quem aprendeu as letras, mas na prática não sabe o que fazer da função de ler e escrever) por especialistas reunidos em Madri para o simpósio internacional sobre *A revolução informática e os meios de comunicação social* (7).

O jornal madrileno "El País", noticiando o referido simpósio, afirma: *"Alguns especialistas estimam que o fato de existirem nos Estados Unidos 40 milhões de adultos funcionalmente analfabetos, vai unido ao consumo de televisão e ao uso de outras modernas tecnologias de comunicação .... Por esses motivos, muitos*

*estudantes chegam à Universidade sem nunca terem escrito sequer uma carta"* (7).

O Prof. Samuel Pfromm Netto também aborda o assunto, tratando especificamente das crianças:

*"Referindo-se ao consumo habitual de programas de televisão pelas crianças, Williams (1986), com base em resultados de pesquisas, conclui que 'a televisão tende mais a inibir do que a facilitar os aspectos do pensamento infantil pesquisados' (criatividade, inteligência, vocabulário etc.)"* (19).

## *TV apresenta problemas impróprios para a psique das crianças*

O ritmo normal de absorção da mente da criança e do adulto é também violentado pela TV no que toca à notícia dos acontecimentos humanos e de certas anomalias ou aberrações da natureza.

Certa novela brasileira ainda há pouco lançou, dentro dos lares, a problemática do hermafroditismo, fenômeno ignorado pelo grosso da população, raro na medicina e estudado apenas por médicos especializados.

Problemas como esses, completamente estranhos ao ambiente onde se move a grande maioria das crianças, são expostos prematuramente pela TV aos olhos infantis ainda imaturos.

O Prof. Franz-Dietrich Poelert, em seu livro *Educação e Manipulação*, diz com acerto:

*"A televisão transmite as mesmas informações a todos, e de um mesmo modo, indiferente à idade, sexo, inteligência e experiência da vida. Seja homossexualismo ou incesto, divórcio ou corrupção, brutalidade ou sadismo .... tudo é oferecido sem que se faça uma distinção entre crianças e adultos"* (20).

No trato de assuntos tais, um bom professor evitará sempre uma abordagem imprudente, pela possibilidade de acarretar reflexos altamente negativos para a formação da criança.



A TV, tal como existe hoje, faz tábula rasa dessa norma elementar de prudência. Essa total falta de escrúpulos expõe assim os pacientes infantis a problemas psíquicos às vezes irreparáveis.

## *Impacto negativo das cenas eróticas e violentas*

O relatório da *Unicamp*, já citado, analisa do ponto de vista médico o impacto negativo das cenas eróticas *in genere* sobre o telespectador infantil:

*"Crianças de 6 a 10 anos .... encontram-se na fase que, em Psicanálise, é chamada de latência* [ou seja, período de reorganização e preparo para a puberdade] *.... A estimulação e a exposição precoce ao erotismo leva a criança a 'queimar uma etapa', ou seja, a passar pela latência sem elaboração e organização. Na prática clínica, especialmente, temos visto conseqüências negativas dessa inadequação dos programas oferecidos às crianças* (9).

Opinião semelhante manifesta, com sua autoridade de médico e de psicólogo, o já citado Dr. Bernardino Mendonça Carleial:

*"Torna-se difícil avaliar as conseqüências patológicas da TV sobre as mentes, quando não se conhecem os mecanismos neuropsicológicos e tampouco quando não se tem contato com as vítimas desse processo de decadência, patrocinado pela TV. Os psicoterapeutas responsáveis, que estudam com profundidade o cérebro e a mente, bem como atendem diariamente pessoas mentalmente prejudicadas pelas aberrações televisionadas, sabem muito bem por que se deve condenar com veemência muitos filmes e programas de televisão"* (2).

O Dr. Carleial condena ainda a superficialidade, do ponto de vista médico, com que alguns defensores incondicionais da televisão se apresentam em certos debates promovidos pela imprensa ou em programas da própria TV:

*"De modo geral, tais pessoas não têm a mínima competência para opinarem sobre patologia mental. .... Muitos ainda defendem a TV por desconhecerem os efeitos no cérebro, produzidos pela*

*estimulação negativa, que recaem sobre as pessoas cujas personalidades encontram-se em formação e naquelas que a têm deteriorada. .... O que mais surpreende são as opiniões de certos profissionais da área da saúde mental e da educação. Eles deveriam conhecer a trajetória dos estímulos veiculados pela TV no cérebro dos telespectadores. Deveriam conhecer as conseqüências negativas provocadas pelas cenas de violência e erotismo no sistema límbico e hipotálamo-hipofisário, para a produção da mente das crianças* (2).

Por isso ele afirma, em outro artigo dessa série:

*"A televisão foi, realmente, um dos maiores inventos do século. .... Mas tornou-se, ao mesmo tempo, uma catástrofe neste mesmo século, com a sua ação condicionante negativa. As suas maiores vítimas são as crianças e os adolescentes que não têm capacidade psicobiológica para analisar e discernir as mensagens desestruturantes projetadas no vídeo".* (1).

## *Pode degenerar em drogas*

Outra dificuldade que os professores vêm enfrentando junto a alunos teledependentes é o vício do *aprendizado pela imagem*, o qual descarta o papel do raciocínio e torna abominável ao aluno qualquer idéia de aplicação e esforço.

*"A televisão* — diz-nos o psicanalista Bruno Bettelheim, professor de psicologia e psiquiatria na Universidade de Chicago — *faz ver às crianças que há ou deve haver uma solução fácil para todos os seus problemas. Isto não é evidentemente o caso, e as crianças ficam insatisfeitas consigo mesmas e com a sociedade. Elas se deixam levar e podem mesmo degenerar em drogas"* (11).

Ela confina a criança *"no imediato, no fácil, no descartável"* — segundo feliz expressão de Rezende & Rezende, citada no documento da *Unicamp* (9).



## *Estimula as reações primárias*

Remy Gaboret, professor de Letras Clássicas e autor de um manual de instruções cívicas, assevera que a TV estimula as reações primárias do indivíduo: *"sentir-gostar"*, *"não sentir-não gostar"* etc.

Se vamos procurar nos jovens telespectadores os valores que honram o homem — como a capacidade de refletir maduramente, pesando os prós e os contras; de dominar, com o freio de uma vontade forte, os impulsos e as paixões desordenadas; de desconfiar das primeiras impressões e de as analisar com cautela; de fazer esforços constantes para alcançar objetivos árduos — dificilmente encontraremos tais valores.

Em artigo intitulado *Na era dos avós-meninos*, a revista "Catolicismo" faz uma análise psicológica de um grupo de televiciados, postos diante de um aparelho de TV:

*"Todos se entregam inteiramente ao gosto de ver, sentir, quase tocar com as mãos a cena do vídeo. As fisionomias indicam o prazer de sentir a imaginação à larga, enquanto o controle da inteligência cessa inteiramente e a vontade dorme na mais profunda inércia. É o homem reduzido, por uma miserável involução, à condição de um bebê que vive de sensações. Quando a alma chega a um tal estado, adeus lógica, coerência, seriedade. Para ela todo esforço intelectual se torna penoso. Toda atitude enérgica, insuportável. É o extremo para o qual são arrastados tantas vezes não só os moços, mas ainda os velhos"* (4).

## *Visão mentirosa da vida e do estudo*

Como então pedir o esforço de aprendizagem a crianças viciadas no hábito de tão-somente "sentir emoções"?

A boa escola inculca a aplicação, exige o hábito da reflexão e o exercício da memória. Não alicia a sensibilidade, mas convence. Não oferece deleite fácil e superficial, mas atrai para o cumprimento do dever. Procura, enfim, formar homens de pensamento e de

ação, almas de valor, mediante métodos pedagógicos que apelam para o empenho da razão e da força de vontade.

A TV, pelo contrário, oferece a lantejoula das sensações irrefletidas. Proporciona emoções repetidas. Traz à pessoa o coruscar de novidades espetaculares. Não exige do adolescente nem esforço, nem análise.

Ela induz a uma visão mentirosa da vida. Por conseguinte, do estudo e do trabalho.

Ela informa sem ensinar, atrai sem convencer, alicia sem comunicar a noção do dever.

Além do mais, transmite mensagens vazias de conteúdo intelectual e moral, apresentando-as como dogmas da "moda".

É natural que entre uma e outra solicitação, a imaturidade infantil sinta propensão pela TV e repulsa pela escola.

## *Diminuição da capacidade de memorização*

O Dr. Marcel Rufo, professor de Psiquiatria Infantil da Universidade de Marseille e chefe do Inter-Setor I de Psiquiatria Infantil de Bouches-du-Rhône, coordenou uma pesquisa epidemiológica reveladora, realizada na França junto a centenas de adolescentes de Paris e da Côte d'Azur.

A pesquisa constatou uma diminuição da capacidade de memorização, ligada diretamente ao excesso de televisão. No teste conhecido sob o nome de "Rey", os alunos, expostos a duas horas por dia diante da TV, mostraram-se aptos a reconhecer apenas cinco símbolos familiares a eles, quando estes lhes foram apresentados. E tiveram sérias dificuldades de associar imagens, idéias e palavras. Aqueles jovens que se contentavam de ver apenas meia hora de televisão, identificaram todos os símbolos, sem exceção (22).

Diz-nos o Dr. Marcel Rufo:

*"Há um paralelismo inexorável entre o tempo passado a ver televisão e a queda do rendimento escolar, o declínio da capacidade de atenção, da concentração intelectual. Isto é verificável em todos os segmentos de idade e em todos os meios, promiscuamente"* (22).



## *TV e escola, uma concorrência desleal*

Por essa razão a Profa. Michelle Palier, presidente nacional da Federação dos Pais de Alunos do Ensino Público francês, desabafa: *"A televisão e a escola estão em concorrência .... desleal. Porque a influência da primeira sobrepassa largamente a da segunda. Notadamente no que concerne ao sentido do esforço do trabalho e dos valores morais, a televisão tem efeitos desastrosos"* (11).

É precisamente o que alguns vêm chamando de *intoxicação doce*, como a Profa. Jeanne Delais de Fréminville:

*"A intoxicação doce faz-se inconscientemente ou deliberadamente. Nossas crianças já sonham através do vídeo. .... Passam mais tempo diante da televisão (1450 horas por ano) do que sobre os bancos dos colégios (900 horas). A TV tornou-se o seu novo professor. Os jovens franceses não apenas vêem mais de 1400 horas de televisão por ano; mas são os que, entre todos os europeus, os que se deitam mais tarde* (11).

E, ainda sobre os efeitos da TV, temos o depoimento de uma professora de um grande Liceu parisiense:

*"No curso primário, os ditados de segunda-feira pela manhã foram suspensos, e no curso secundário é impossível fazer exercícios de reflexão nesse dia"* (11).

## *Fenecimento do vocabulário e da conversação*

Essa supervalorização do *ver* e do *sentir*, própria à TV, tende a empobrecer o vocabulário, que é o instrumento da expressão do pensamento.

O já tão sumário e impreciso vocabulário das crianças e jovens de hoje vai-se estropiando, cada dia mais, na medida em que eles se deixam fascinar pelo vídeo.

Assim se expressam M. Alfonso Erausquin, Luiz Matilla, Miguel Vázquez, no livro *Os teledependentes*:

*"Teme-se que as imagens estejam criando futuras gerações de não-leitores, não só fazendo diminuir o interesse dos jovens pela leitura de livros, como também obstaculizando sua própria capacidade de se expressarem tanto verbalmente como por meio da escrita"* (8).

Até na França, país culto por excelência, a ameaça vem-se fazendo sentir.

Mireille Chalvon constata preocupada a freqüência com que crianças telespectadoras se mostram incapazes de traduzir em palavras aquilo que acabaram de ver.

E a psicóloga explica a razão:

*"A TV .... não propicia a aquisição de linguagem porque é inútil dar nome àquilo que* [simplesmente] *se vê. .... Fornecendo imagens, ela se dirige mais aos sentimentos do que ao espírito, oferecendo mais sensação do que noções"* (6).

Como a linguagem pede a passagem do concreto para o abstrato, do objeto para o conceito, a psicóloga se pergunta se as imagens, entregues já prontas pela TV, não correm o risco de estancar a possibilidade de abstração da criança.

O psiquiatra L. Moor chega a prognosticar:

*"Os que fazem uso imoderado da TV disporão, dentro de 15 anos, de um vocabulário de apenas 200 palavras imprecisas, abreviadas, impróprias, carregadas de onomatopaicos"* (16).

Mary Winn, psicóloga e terapeuta norte-americana, autora do livro internacionalmente conhecido *The Plug-in Drug*, afirma:

*"A criança tem necessidade de adquirir técnicas essenciais de comunicação —aprender a ler, a escrever, expressar-se facilmente e de forma clara — a fim de poder desenvolver-se como ser social. O abuso da televisão não favorece seu desenvolvimento verbal porque não exige nenhuma participação verbal de sua parte, mas sim, somente uma receptividade passiva"* (27).



Também Florence Nicolas, secretária-geral do Syndicat National des Lycées et Collèges (SNALC), manifesta sua preocupação pelo definhamento do vocabulário francês:

*"Palavras como **simultaneamente, concomitantemente, fisionomia, hilaridade**, não são mais compreendidas. A televisão é irresponsável na medida em que ela reduz o tempo consagrado à leitura. Ora, o vocabulário se adquire principalmente pela leitura. .... **Uma coisa é certa: os resultados escolares estão na proporção inversa do número de horas passadas diante da televisão"*** (11).

## *O professor, um espetáculo a mais...*

Na pesquisa que coordenou, o Dr. Marcel Rufo descreve o que pôde observar:

*"O sistema televisivo é montado em torno da idéia de show, de espetáculo. Tudo é continuamente espetáculo. .... A criança .... espera (e o adulto também) que tudo em torno de si seja apresentado em termos de espetáculo. Sem o que, nada lhe interessará, mesmo se se tratar de coisas essenciais para a vida. Algumas crianças são mesmo incapazes de cumprir seus exercícios de casa sem ter a televisão ligada diante delas. É um fenômeno de intoxicação certamente curioso, a analisar. .... Damo-nos bem conta da verdadeira agressão que representa o exame escolar para essa criança, para esse jovem estudante? Aquilo que lhe é exigido é em tudo e por tudo antitelevisão. A TV não pede ao telespectador que fale. .... Ela não lhe pede que se comunique. .... No dia seguinte, um esforço inaudito: é solicitado a ele, na escola, que se comunique; a ele, que vê o professor ou o instrutor como um espetáculo a mais, é pedido que participe, que responda às perguntas, que memorize, que reflita... É necessário que ele crie, invente, sintetize. Verdadeiramente, é todo um outro mundo!* (23).

## *Decadência nos vestibulares*

Aqui no Brasil temos, nos exames vestibulares, exemplos clamorosos desse retrocesso à linguagem primata.

Os resultados de tais exames são inquietantes. Com assombrosa assiduidade, os alunos naufragam nas provas de redação. Há 20 ou 30 anos, esses rapazes e moças dificilmente teriam conseguido aprovação sequer nos exames de primeiro grau.

Mas, que esperar de jovens que absorvem pelo vídeo expressões de um primitivismo chocante? Por exemplo estas, veiculadas por certa novela e referidas em artigo de Ethevaldo Siqueira:

— *"Sem grilo, meu chapa. Seja legal. Não torra, pai. Já tô encucado e você ainda vem me encher? Sai prá lá, cara"*... (26).

O mesmo articulista comenta com acerto que quase 30 milhões de pessoas (dados de 1977; hoje são mais de 100 milhões) ouvem tais expressões diariamente na TV, assimilando-as com naturalidade inconsciente. O que vai formando *"uma nova linguagem brasileira, una e coesa, pobre e eriçada, mas que vai integrando o país de norte a sul"* (25).

O Prof. Marcel Rufo também notou nos jovens que foram objeto de sua pesquisa a dificuldade de concatenar o pensamento e dar rumo a uma conversação:

*"É certamente um fato atualíssimo: as pessoas hoje mudam de tema de uma maneira espantosa, incapazes que são de discutir em profundidade determinado assunto, coisa que transformou-se em um privilégio de poucos — entretanto, seguramente, acessível a todos. O pensamento parte por todas as direções, balança, não consegue fixar-se em nada* (23).

## Perda do hábito da leitura

Esse fenecimento da linguagem tem implicações com a perda do hábito de leitura, uma das principais fontes de um bom vocabulário.

Mary Winn estuda a importância desse hábito na formação das crianças e mostra como ele é quebrado pela TV. O comentário é transcrito do interessante artigo *TV drogue ou a droga TV*, publicado na revista "Rainha", de Porto Alegre:

*"A televisão também pode esclerosar a atividade e o desenvolvimento mental da criança, se tomar o lugar da leitura.*



*"A partir da história que leu, ela cria em sua mente em desenvolvimento um determinado personagem. Seu espírito se ativa, procurando as características humanas no personagem idealizado. Tais experiências — tão necessárias às atividades da imaginação infantil — não acontecem, em absoluto, na televisão, que fornece as imagens realizadas.*

*"Hoje em dia, por causa da televisão, crianças e adultos lêem muito pouco. Claro, é mais fácil ficar vendo as imagens coloridas falando, dançando, fazendo suas proezas. E quando lêem, mostram-se preguiçosos, pois a televisão não lhes dá a oportunidade e mostra que não há necessidade de que se concentrem tanto, se tudo é mais fácil no vídeo.*

*"No entanto a leitura, encarece Mary Winn, é um imprescindível instrumento de desenvolvimento pessoal e de liberdade de expressão e pensamento, enquanto a televisão transforma a criança em escravo de um horário e, mais do que isto, de um mundo imaginário, para não dizer irreal, que nada tem a ver com a autêntica realidade do mundo infantil" (21).*

## A TV e o cansaço nas crianças

Sobre o cansaço das crianças em aula, os comentários são peremptórios e generalizados, da parte dos estudiosos da questão, como tendo sua causa no excesso de TV.

O Dr. Guy Vermeil, por exemplo, especialista francês em ritmos escolares, declara:

*"Primeiro problema: o cansaço. A TV aparece a esse propósito como a inimiga da escola: ela desvia os alunos do trabalho escolar, diminui-lhes o sono noturno, tornando-os sonolentos e desatentos durante as aulas. Ela é um obstáculo ao aprendizado da leitura"* (11).

O Prof. Marcel Rufo, com base na já citada pesquisa epidemiológica que realizou, comenta:

*"O fracasso escolar, a falta de concentração, as dificuldades de memorização, a agitação das crianças estão diretamente proporcionadas ao tempo que elas passam diante do vídeo. É bem*

*evidente que disto resulta um déficit de sono, com múltiplas reações em cadeia .... além de se tornarem agitadíssimas na escola e padecerem de insônia"* (22).

O Prof. Samuel Pfromm Netto salienta que também em São Paulo tem-se notado fenômenos semelhantes durante as aulas:

*"São comuns os casos de crianças pequenas que assistem à televisão cinco, seis ou mais horas por dia. Em classes pré-escolares paulistanas, pela manhã, é habitual a presença de crianças sonolentas, desatentas ou que chegam a adormecer em classe porque permaneceram acordadas até horas avançadas da noite anterior, diante do televisor"* (19).

E o Prof. Franz-Dietrich Poelert, já citado, testemunha:

*"Tenho visto, por exemplo, na escola, como conseqüência da televisão, o cansaço com que os alunos chegam em determinados dias. .... As crianças de 10-11 anos não estão inteiramente bem dispostas para a aula, quando ficaram até às 23 horas sentadas, vendo jogos de futebol"* (20).

L. Moor também aponta para o mesmo fenômeno:

*"Quando as crianças assistem às emissões da noite, elas se recolhem tarde, não dormem suficientemente e são incapazes de se concentrar sobre seu trabalho escolar, o qual disso se ressente no dia seguinte. Freqüentemente, mesmo se a criança vai deitar-se, ela tem dificuldade em dormir, porque foi objeto de estímulos numerosos"* (16).

Chalvon completa essa enumeração, com as seguintes e judiciosas considerações:

*"O superconsumo de televisão .... é certamente nocivo. A superinformação excedendo a capacidade de compreensão da criança é motivo de cansaço e desânimo. A identificação múltipla com heróis variados pode ser fonte de perturbação. A eterna procura de uma vida excitante e sensacional conduz ao risco de perder o contato com a realidade cotidiana"* (6).



## *TV no quarto: crime contra o cérebro infantil*

Por isso mesmo, os especialistas vêem com grande preocupação a instalação de aparelhos de TV em quartos de crianças e adolescentes.

Pesquisa publicada pelo jornal alemão "Frankfurter Allgemeine", e citada pelo Prof. Franz-Dietrich Poelert, diz que uma em cada três crianças alemãs, com idade entre 8 e 11 anos, já tem um aparelho de TV no próprio quarto (20).

Indagado pelo "Informativo TV Plebiscito" sobre o efeito desses aparelhos em quartos de dormir das crianças, o médico Prof. Salomão Chaib foi categórico:

*"É um crime contra o cérebro e a saúde mental. Além de roubar preciosos momentos de repouso, adormece-se levando no subconsciente mensagens subliminares de dramas tenebrosos, de emoções negativas que continuam pelo sono adentro através de sonhos agitados, gerando assim crianças nervosas e de pouco rendimento escolar"* (5).

## *A TV e a evasão para o irreal*

E aqui tocamos num dos pontos mais delicados da influência televisiva junto a crianças e adolescentes: a evasão para o irreal.

É esta uma preocupação crescente de pais e professores, conforme testemunho dos próprios organizadores do relatório da *Unicamp*:

*"Várias vezes fomos abordados por pais e professores que estavam preocupados com a questão da fronteira entre o real e a fantasia na criança e queriam discutir o papel da televisão enquanto canal de mais fácil acesso à ficção, hoje, e o mais assíduo fornecedor de um imaginário cada vez mais mirabolante"* (9).

Numa criança bem constituída, seu próprio equilíbrio psíquico leva-a, desde cedo, a ir traçando uma fronteira bem definida entre a fantasia e a realidade.

Assim, ela pode imaginar como é delicioso o vôo de um pássaro ou pilotar um avião; poderá até brincar de piloto, ou simular o vôo que viu. Mas interpreta isso como uma "brincadeira", como um "jogo", como um "faz-de-conta", enquanto mantém seus pés bem firmes na realidade.

Ela não irá se lançar pela janela, julgando poder voar realmente, pois sua saúde psíquica, seu bom-senso e o próprio instinto de conservação ensinam-lhe quais são as limitações impostas a ela pela natureza.

Nas crianças teledependentes, entretanto, essa noção vem sendo abalada dia a dia.

*"O imaginário infantil* — diz-nos Liliane Lurçat, da revista francesa *Esprit — sofre uma invasão de sons e imagens; há um como que efeito de super-alimentação desse imaginário, fazendo transbordar a função do irreal, a qual submerge a função do real. Transformado em mero espectador, esse sonhador não cria mais as próprias imagens: ele se deixa invadir pelas que lhe são impostas* (13).

De onde os jornais noticiarem com crescente freqüência desastres ocorridos com crianças ou adolescentes, por tentarem imitar seus *super-heróis* da televisão, imaginando-se dotados dos mesmos superpoderes que viram no vídeo. Resultam daí, não poucas vezes, ferimentos graves ou até mortes.

M. Alfonso Erausquin, Luiz Matilla, Miguel Vázquez comentam judiciosamente:

*"Já há quem adiante que possivelmente as recordações e vivências infantis da 'geração da televisão' estarão constituídas não de experiências pessoais, mas sim de experiências extraídas do televisor. As conseqüências que isto possa ter no sentido da paulatina interferência entre os campos da realidade e a imagem estão ainda por ser determinadas, mas já existem testemunhos impressionantes do engalfinhamento, dos dois campos, inclusive entre os espectadores adultos. Hoje, o controle sobre a televisão equivale, de certa forma, ao controle sobre a realidade, enquanto que um acontecimento que não comparece à tela de televisão é 'muito menos real' do que qualquer outro que receba a consagração da pequena tela* (8).



De fato, uma Xuxa, hoje, pode ser muito mais "real" para um telespectador mirim, do que o prefeito da cidade onde mora.

*"Nada de estranhar, portanto* — comenta a psicóloga Ana Maria Cordeiro Linhares — *quando uma apresentadora de televisão é cumprimentada na rua, com intimidade, por alguém que não conhece, nunca viu. É que ela já é conhecida e muito vista, a tal ponto que tornou-se íntima. E íntima no sentido de que penetrou na intimidade da telespectadora"* (12).

Por isso perguntam os mesmos M. Alfonso Erausquin, Luiz Matilla, Miguel Vázquez:

*"Esse poder de manipulação das imagens e do meio televisivo, que controle não pode chegar a exercer sobre uma criança em pleno desenvolvimento? Sua capacidade crítica, de si pouco desenvolvida, se encontra, ademais, neutralizada pelo fato de que não dispõe de experiências reais e pessoais com as quais contrastar o que se lhe propõe a partir da tela. Isto é algo a que os pais não costumam prestar suficiente atenção, porque crêem que as experiências de suas crianças são equiparáveis às suas próprias. Tampouco nos meios escolares se atenta para esses aspectos. Em geral, com demasiada freqüência, se conclui que uma 'criança normal' sabe perfeitamente o que é realidade e o que é fantasia, e faz a distinção sem problemas enquanto vê um programa qualquer na televisão* (8).

## *Super-heróis, o contrário dos "contos de fadas"*

Os "modelos" apresentados pelas produções de filmes e desenhos conduzem a um padrão de conduta e a tipos humanos em boa medida opostos aos anteriormente oferecidos pela literatura tipo *contos de fadas*.

Na literatura infantil clássica, o bem é apresentado como belo e verdadeiro. E o mal como feio e mentiroso.

Um interessante artigo não assinado e publicado pela revista "Catolicismo" sob o título *O maravilhoso, o real e o horrendo na literatura infantil* faz uma descrição muito interessante da importância e do papel de tal literatura:

*"As histórias, todos o sabem, são os primeiros contatos das crianças com a vida. Através delas, a inteligência infantil transpõe os limites do ambiente doméstico, e apreende as noções iniciais sobre a sociedade humana, com as inúmeras diferenciações que comporta, as atrações que oferece, os deveres que impõe, as decepções que traz, e o jogo complicado das paixões nos altos e baixos desta grande luta que é a existência, .... em que uns lutam por seus interesses pessoais, legítimos e ilegítimos, e outros lutam contra o mundo, contra o demônio, contra a carne, para a maior glória de Deus. As primeiras noções sobre esta 'militia', as impressões mais fundas que o homem recebe relativamente aos aspectos essenciais dessa luta e à sua posição perante ela, recebe-as nos seus primeiros anos.*

*"Daí haver importância essencial, para uma civilização católica, em proporcionar às crianças uma literatura profunda e sadiamente religiosa. Não falamos apenas do curso do catecismo e História Sagrada, que deve ser o centro de tudo, mas de histórias que fossem como que o comentário, o prolongamento, a aplicação do que a religião ensina" (3).*

Segundo a mesma revista, tais histórias evocavam no passado, por vezes, *"o maravilhoso, indispensável nos horizontes infantis como meio de apurar o senso artístico, elevar o espírito, abrir o descortínio, estimular sadiamente a imaginação* (3).

Outras, como *As aventuras de Juca e Chico* (objeto de análise no referido artigo), esmeravam-se em representar, conforme o artigo, *"a vida quotidiana, com seus aspectos calmos, caseiros, simpáticos, elemento essencial nos horizontes da literatura infantil, para despertar a atração, o interesse pela realidade e pela virtude"* (3).

Essa literatura colocava, portanto, a criança diante de problemas universais, bem como de tipos humanos e situações que, pelo



enredo, o mais das vezes se resolviam em recompensa para o bem e em punição para o mal.

É bem isso o que vemos na série incontável de filmes e desenhos animados oferecidos pela televisão aos seus consumidores infantis?

São quase tão-somente filmes e desenhos animados malfazejos, que apresentam, como frisa o citado artigo de "Catolicismo", cenas de *"murros, tiros, assaltos, agressões, vibração exagerada, narração melodramática, corre-corre, sangue, morte, 'super-homens' que voam, que transpõem muralhas, que manipulam raios. É toda uma sinistra e ridícula contextura de inverossimilhanças, de crueldades, de grosseiros artifícios de sensacionalismo* (3).

Ou então, como diz o Prof. Pfromm Netto, *"uma dieta .... onde predominam o grotesco, as guerras interplanetárias, os robôs, andróides e 'transformers', os super-heróis — personagens de uma 'ficção científica' mais ou menos imbecil, cujas fórmulas pertencem mais ao reino do pensamento mágico e da superstição do que ao da ciência e da tecnologia, quando não projetam uma imagem totalmente distorcida e daninha destas últimas"* (19).

## *O que se forma é o neo-bárbaro*

Se considerarmos que essas cenas que acabamos de referir, não constituem apenas uma história, mas todo um jato que enche programações inteiras, avidamente seguidas pelas crianças, é forçoso formular a questão levantada pela revista "Catolicismo" no dito artigo:

*"Que horizontes assim se abrem para a infância? Os do crime. Que prazeres? Os da excitação nervosa tendente em certos casos quase ao delírio. Que ideais? Os da força bruta, e da vida de aventura sem eira nem beira. Com isso não se forma um homem, e muito menos um cristão. O produto próprio dessa literatura é o neo-bárbaro* (3).

E o médico Dr. Michael M. Miller, professor de Psiquiatria na Howard School of Medicine e ex-diretor de pesquisa no Instituto

Psiquiátrico da Columbia University, em sua obra *A saúde Mental das crianças*, comenta:

*"Se o sadismo é apresentado como heróico, e a crueldade, a rudeza e a falta de compaixão perpetradas por esses heróis são tratadas como ideais, para muitos jovens, isso se torna um modo de reação aceitável"* (15).

## A TV e a conaturalidade com o monstruoso e o horrendo

O quadro se agrava quando filmes e desenhos animados exaltam monstros pré-diluvianos ou mirabolantes seres *espaciais*.

Algumas vezes, tais monstros são de aspecto terrificante e traumatizam as crianças, ao mesmo tempo que lhes despertam o gosto da fantasia sádica.

Outras vezes, os monstros se transformam em "monstrinhos" gentis, assumindo feições "simpáticas" e "camaradas", com os quais a criança pode conviver pacificamente e até brincar. E então fica ela exposta ao gravíssimo risco de tornar-se conatural com o monstruoso, o que dela poderá fazer no futuro também um monstro.

É aplicável a esse tipo de filmes e desenhos animados o comentário que faz o Prof. Franz-Dietrich Poelert — citando a psicóloga alemã Sabine Joerg — a respeito da diversão eletrônica. Essa diversão *"apodera-se das sensações infantis. Deforma-as e as faz definhar .... Imagens confusas de horror e de felicidade ocupam a mente da criança e permanecem obstinadamente coladas como se fossem experiências vividas por ela mesma. .... A comunicação com o mundo fica obstruída, os órgãos dos sentidos fornecem informações fragmentadas* (20).

## O sucesso escolar não interessa mais

Viciadas nos prazeres fáceis de uma imaginação solta e de soluções *mágicas* para os problemas, as crianças teledependentes



repelirão qualquer esforço do educador que queira criar nelas o hábito de concentrar-se e estudar.

Com razão comenta a psicóloga francesa Marie-Josée Chombart de Lauwe, a respeito do escolar assíduo à TV:

*"Sua inteligência é cada vez menos solicitada. O sucesso escolar não lhe interessa mais, uma vez que o herói possui a capacidade de solucionar as situações difíceis...* (10).

Os traços psicológicos próprios à geração de teledependentes serão forçosamente: fragilidade de alma, instabilidade, superficialidade, tirania dos caprichos. Quando não — e às vezes em tenra idade — amargura, impulsividade irritadiça e neurose precoce.

## Efeitos semi-hipnóticos da TV assemelham-se aos da droga

Mary Winn, nos estudos que fez dos efeitos da televisão sobre a infância, sustenta que a TV provoca reações próximas aos efeitos da droga.

Sob o efeito direta da televisão, nota-se um estado de passividade quase nirvânica da parte do "paciente", semelhante ao hipnotismo.

Cessado este, quando o paciente acorda para a realidade, as reações são de frustração e amargura, que podem chegar a explosões temperamentais até mesmo convulsivas.

O já citado artigo da revista "Rainha" sobre os estudos de Mary Winn, lemos:

*"Alguns pais — adverte Mary — colocam os filhos diante da televisão para acalmá-los. Contudo, as manifestações de nervosismo .... - gritos estridentes, pulos nos estofados, desobediência às ordens dos pais na hora de comer, dormir ou estar quietos etc. — quando a televisão, por algum motivo é desligada, prova que o estado de descontração que se supunha na criança é puramente fictício' .... Analisando as razões dessa irritabilidade — por vezes incontrolável — diz Mary que ela é, 'muito possivelmente, o efeito da transição de um estado de inconsciência para outro de cons-*

*ciência, como a passagem do estado de sono para o de desperto'. Mary também compara a "experiência da televisão" à experiência da droga, que leva o seu usuário a uma 'viagem', no fim da qual, ao tocar com os pés o mundo da realidade, se torna irritadiço e insuportável* (21).

E conclui:

*"A impressão que logo se tem, quando a criança se afasta subitamente do seu pólo de atração (televisão), reforça a idéia que seu estado mental é de natureza hipnótica"* (21).

## *Na conclusão, um desafio e uma proposta*

Ao apresentar tantos documentos e opiniões abalizadas de autores e estudiosos, não nos moveu a preocupação de elaborar um trabalho com o rigor científico que teria, por exemplo, uma tese universitária sobre Psicologia ou Pedagogia infantil.

Nosso desejo foi bem mais modesto: o de despertar para uma necessária visão crítica da televisão os pais e professores.

Como disse o Prof. E. Samain, citado pelo documento da *Unicamp — "os meios materiais de comunicação não são nem neutros, menos ainda inocentes"* (24).

De posse desses dados, caberá aos professores e aos pais analisar em que medida tais problemas afetam seus alunos ou seus filhos.

Alertados por aspectos que talvez julguem novos, aqui apontados no que diz respeito à influência da TV, eles deverão agir em conseqüência na educação e formação das crianças sob sua responsabilidade.

O Brasil de amanhã será forjado pelos jovens que hoje se dedicam verdadeiramente ao estudo? Ou pelos teledrogados que ficam horas a fio diante da TV?

A resposta que o futuro dará a essa pergunta dependerá em larga medida dos pais e professores.



De algum modo esse futuro está passando pelas nossas mãos, neste momento. E diante de Deus e dos séculos vindouros responderemos por ele.

Com confiança na Providência Divina, assumamos a nossa parte nessa árdua tarefa. É esta a proposta e este o desafio que *O Amanhã de Nossos Filhos* lança aos leitores.

---

### Notas


(1) ***Carleial***, Bernardino Mendonça, *A televisão e a personalidade infantil (I)*, "Estado de Minas", 19-8-90

(2) ***Carleial***, Bernardino Mendonça, *A televisão e a personalidade infantil (II)*, "Estado de Minas", 26-8-90

(3) ***"Catolicismo"***, nº 40, abril/54

(4) ***"Catolicismo"***, nº 85, janeiro/58

(5) ***Chaib***, Salomão A., in "Informativo TV Plebiscito", março/93

(6) ***Chalvon***, Mireille, *Problemes psycologiques de l'enfant téléspectateur*, in "Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence", Paris, 1981, nº 29 (3)

(7) ***"El País"***, Madri, 12-10-85

(8) ***Erausquin***, M. Alfonso; ***Matilla***, Luiz; ***Vázquez***, Miguel, *Os teledependentes*, Summus Editorial, São Paulo, 1980

(9) ***Giglio***, Zula Garcia; ***Giglio***, Joel Sales; ***Vizzotto***, Marília M., *Televisão e criança: um binômio incompatível*, Núcleo de Estudos Psicológicos, *Unicamp*, 1993

(10) ***Lauwe***, Marie-Josée Chombart de, *L'interaction enfant/télévision*, revista "Neuropsychiatrie de l'enfant et de l'adolescence", Paris, 1981, nº 29

(11) ***"Le Point"***, Paris, 1º-9-86

(12) ***Linhares***, Marta Cordeiro, in Luiz Lobo, *Televisão: nem babá eletrônica nem bicho-papão — A criança ante a tevê*, Ed. Lidador, Rio, 1990

(13) ***Lureau***, Liliane, *Les jeunes enfants devant les aparences télévisuelles*, Esprit, Paris, 1984

(14) ***Lwoff***, André, apud Michel Salomon, *L'avenir de la vie*, Ed. Séghers, Paris, 1981

(15) ***Miller***, Michael M., *A saúde Mental das crianças* (IBRASA, São Paulo, 1969), apud Luiz Monteiro Teixeira, *A criança e a televisão: amigos ou inimigos*, Loyola, São Paulo, 1985.

(16) ***Moor***, L., *Influence de la télévision sur le psychisme de l'enfance et de l'adolescence*, in "Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence", 29 (3), 1981

(17) ***Pfromm Netto***, Samuel, *I Simpósio Nacional sobre Televisão e Criança*, São Paulo, agosto/77

(18) ***Pfromm Netto***, Samuel, "Informativo TV Plebiscito" (órgão de *O Amanhã de Nossos Filhos*), abril/91

(19) ***Pfromm Netto***, Samuel, *I Simpósio Nipo-Brasileiro de Educação*, São Paulo, 16-6-88

(20) ***Poelert***, Franz-Dietrich, *Educação e Manipulação*, Lühe-Verlag, Steinkirchen, Alemanha, 1988

(21) ***"Rainha"***, julho/91

(22) ***Rufo***, Marcel, *Le stress à l'école et l'excès de télévision*, Centre de Recherche et Documentation Thérapeutique

(23) ***Rufo***, Marcel, "Vie et santé", março/91

(24) ***Samain***, E., *Oralidade, escrita, visualidade — Meios e modos da construção dos indivíduos e das sociedades — Perturbador mundo novo*, apud *Televisão e criança: um binômio incompatível*, Unicamp, 1993

(25) ***Siqueira***, Ethevaldo, *Na televisão, todas as noites, uma receita para não pensar*, in "O Estado de S. Paulo", 15-5-77

(26) ***Teixeira***, Luiz, *A criança e a televisão*, Ed. Loyola, São Paulo, 1985

(27) ***Winn***, Mary, *The Plug-in Drug*, apud M. Alfonso Erausquin, Luiz Matilla, Miguel Vázquez, *Os teledependentes*, Summus Editorial, São Paulo, 1980

* * *

NÚCLEO INTEGRALISTA DE FOZ DO IGUAÇU
"Deus, Pátria e Família"
Cmte. Fernando R. Batista
Caixa Postal 1629 - Cep: 85865-970

# Índice

Introdução ..... 2
TV: uma "escola", mas de quê? ..... 2
TV e sua influência no universo infantil ..... 3
Ritmo natural do desenvolvimento de uma criança ..... 4
A força das primeiras impressões ..... 4
A pedagogia sempre respeitou os ritmos normais da mente infantil ..... 5
O desenvolvimento natural do aluno facilita a tarefa do professor ..... 6
Os ritmos da TV e a demolição da psique infantil em curso ..... 6
Supervelocidade da TV ..... 7
A supervelocidade não deixa tempo para refletir ..... 7
A supervelocidade lesa a mente da criança ..... 8
TV e destruição do senso crítico ..... 8
TV, uma escola de imbecilização e de "analfabetismo funcional" ..... 9
TV apresenta problemas impróprios para a psique das crianças ..... 10
Impacto negativo das cenas eróticas e violentas ..... 11
Pode degenerar em drogas ..... 12
Estimula as reações primárias ..... 13
Visão mentirosa da vida e do estudo ..... 13
Diminuição da capacidade de memorização ..... 14
TV e escola, uma concorrência desleal ..... 15
Fenecimento do vocabulário e da conversação ..... 16
O professor, um espetáculo a mais... ..... 17
Decadência nos vestibulares ..... 18
Perda do hábito da leitura ..... 19
A TV e o cansaço nas crianças ..... 19
TV no quarto: crime contra o cérebro infantil ..... 21
A TV e a evasão para o irreal ..... 21
Super-heróis, o contrário dos "contos de fadas" ..... 24
O que se forma é o neo-bárbaro ..... 25
A TV e a conaturalidade com o monstruoso e o horrendo ..... 26
O sucesso escolar não interessa mais ..... 27
Efeitos semi-hipnóticos da TV assemelham-se aos da droga ..... 27
Na conclusão, um desafio e uma proposta ..... 28
Notas ..... 29